

"Cadeiras" (54), de Geraldo de Barros.

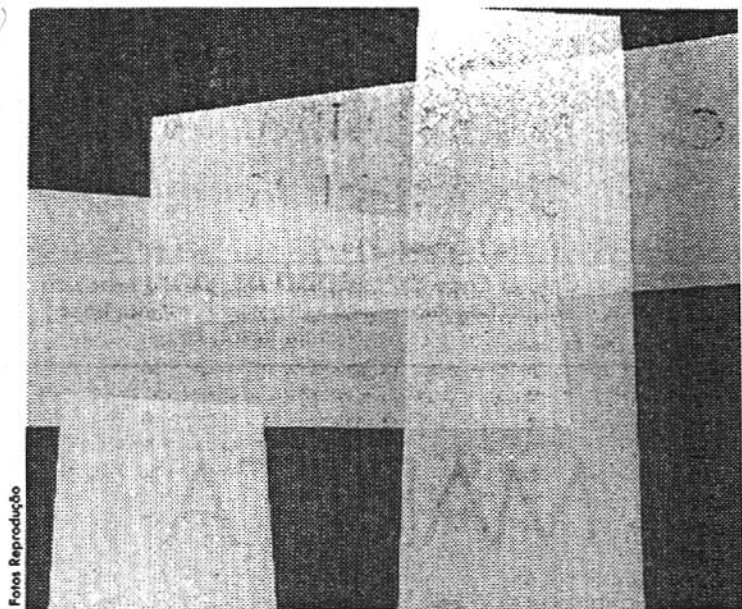


Foto Reprodução

Foto de Geraldo de Barros, da série "Fotoformas".

Além dos registros

NAS FOTOS DE GERALDO DE BARROS E VIK MUNIZ, A PARTIR DE HOJE NA GALERIA CAMARGO VILAÇA

A Galeria Camargo Vilaça abre hoje duas exposições de fotografia. A primeira reúne 31 fotos originais do artista Geraldo de Barros, 72 anos, considerado o pioneiro da fotografia abstrata no Brasil. A segunda exhibe obras recentes de Vik Muniz, 34, brasileiro que vive em Nova York.

A exposição de Barros, **Fotoformas**, foi exibida no ano passado no MIS. Contudo, as fotografias eram reproduções das originais — no acervo do Musée de l'Élysée, na Suíça. Agora, a público verá as originais, em montagem que corresponde àquela feita para a primeira exposição, em 51, no Masp.

A montagem busca reproduzir o que o artista realizou há mais de 40 anos. Alguns trabalhos não estão na parede, mas em sarrafos,

no meio da galeria, criando uma dinâmica que dialoga com as composições das fotografias.

Barros é um dos nomes mais importantes da arte concreta brasileira. O pioneirismo da sua série de fotografias, realizadas entre 1946 e 1951, lhe rendeu uma bolsa de estudos na França e a admiração de artistas como o suíço Max Bill, morto em 94. Aliás, no catálogo há um texto de Bill comentando o trabalho de Barros.

Conhecer, nos anos 90, os experimentos fotográficos feitos por Barros na década de 40 é uma experiência no mínimo reveladora. A fotografia com intenções plásticas é considerada uma linguagem moderna e, atualmente, são diversos os artistas que trabalham com esta linguagem. Muitos deles se tornam pouco inovadores quan-

do comparados com Barros.

Muito antes da festejada americana Cindy Sherman, 33 anos, pensar em criar cenários e incluir sua própria imagem neles para fotografá-los, Barros já o fazia. E, trabalhando com tempos longos de exposição de filme, conseguiu resultados que lembram cenas de filmes noir. No início dos anos 50, o artista realizava as experiências mais radicais: cortava um pedaço de negativo e o reencaixava em seu espaço, só que invertido.

A exposição de Vik Muniz oferece oportunidade de verificar que a fotografia brasileira continua propondo questões novas. Esta é a segunda vez que Muniz expõe individualmente em São Paulo. Sua última aparição foi em 91, no Gabinete de Arte, quando ainda trabalhava com escultura.

Nesta individual, Muniz exhibe desenhos feitos com arame e posteriormente fotografados. Lida com conceitos e seu trabalho fotográfico transita entre a escultura, o desenho, o artesanato.

Nada é o que parece ser e isso instiga o espectador. Suas composições vistas de longe são perfeitos desenhos feitos com grafite. Quando nos aproximamos, o desenho ganha volume e se percebe que as linhas são arames. Se prestarmos mais atenção, veremos que os arames não existem. O que resta é a sua fotografia.

Geórgia Lobacheff

Fotoformas e Vik Muniz - Abertura hoje às 20h na Galeria Camargo Vilaça (r. Fradique Coutinho, 1.500, tel. 210-7390). Preços entre US\$ 1.500 e US\$ 5 mil.